



UEPB

Universidade
Estadual da Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS**

PAULA NÚBIA SAMPAIO DE ANDRADE

**MARGINALIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO REPRESENTADAS NOS ESPAÇOS
SIMBÓLICOS DO CONTO “VOLTE OUTRO DIA” DE MARCELINO FREIRE**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

PAULA NÚBIA SAMPAIO DE ANDRADE

**MARGINALIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO REPRESENTADAS NOS ESPAÇOS
SIMBÓLICOS DO CONTO “VOLTE OUTRO DIA” DE MARCELINO FREIRE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras
(Língua Portuguesa) da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Senizia Cordeiro de
Sousa.

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553m Andrade, Paula Núbia Sampaio de
Marginalização e segregação representadas nos espaços
simbólicos do conto "Volte outro dia" de Marcelino Freire
[manuscrito] / Paula Nubia Sampaio de Andrade. - 2016.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Esp. Senizia Cordeiro de Sousa Ramos,
Departamento de Letras e Artes".

1. Análise Literária 2. Espaço Urbano - Representação 3.
Marginalização 4. Segregação 5. Grupo Social I. Título.

21. ed. CDD 801.95

PAULA NÚBIA SAMPAIO DE ANDRADE

**MARGINALIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO REPRESENTADAS NOS ESPAÇOS
SIMBÓLICOS DO CONTO “VOLTE OUTRO DIA” DE MARCELINO FREIRE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras
(Língua Portuguesa) da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: 14/07/2016.

BANCA EXAMINADORA

Senizia Cordeiro de Sousa Ramos 8,0
Prof.^a Esp. Senizia Cordeiro de Sousa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Tatiana 8,0
Prof.^a Dr. Tatiana Fernandes Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Lucielma de Oliveira Batista Magalhães de Moura 8,0
Prof.^a Me. Lucielma de Oliveira Batista Magalhães de Moura
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha maravilhosa família, pelo grande apoio, paciência e amor, por estarem comigo em todos os momentos da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que iluminou os meus caminhos durante este percurso.

Aos meus filhos, que foram o combustível essencial para me dar forças nas horas difíceis, cansaço e desânimo.

A minha mãe pelo exemplo de mulher guerreira e determinada.

A minha orientadora pela oportunidade, paciência e principalmente pelo carinho e apoio na elaboração deste trabalho.

Muito obrigada!

“Sem sonhos a vida não tem brilho. Sem metas os sonhos não têm alicerces. Sem prioridade, os sonhos não se tornam reais. Sonhe, trace metas, estabeleça prioridades e corra riscos para executar seus sonhos. Melhor é errar por tentar do que errar por omitir.”

Augusto Cury

MARGINALIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO REPRESENTADAS NOS ESPAÇOS SIMBÓLICOS DO CONTO “VOLTE OUTRO DIA” DE MARCELINO FREIRE

PAULA NÚBIA SAMPAIO DE ANDRADE

RESUMO

O espaço urbano brasileiro é fortemente marcado por uma intensa disparidade, abrangendo as questões econômicas e também culturais. Nesse contexto, o presente trabalho discute a representação desse espaço urbano, no conto “Volte outro dia” do autor Marcelino Freire, publicado na sua obra *Angu de Sangue* (2000). O estudo teve como propósito provocar algumas reflexões acerca da marginalização e da segregação de grupos sociais, tomando como referência o *mendigo* narrado no conto, que representa tantas outras pessoas que são excluídas de um convívio social, no qual o *outro*, nem se quer, sensibiliza-se com as necessidades do próximo. Corroborando com esse pensamento, tomou-se como fundamento teórico a autora Dalcastagnè (2012), a qual contribuiu para um entendimento da forma como a cidade é exteriorizada na literatura brasileira atual. Outros teóricos como Gancho (1997), Santos e Oliveira (2001) contribuíram para a definição do espaço nas narrativas, assim como Chevalier *et al.* (2012) colaboraram com dicionários de símbolos que ajudaram a dar clareza a determinadas palavras do texto em estudo. Essa pesquisa teve um método de abordagem bibliográfica e qualitativa. Dessa forma, o presente trabalho procurou fazer com que o leitor debata e reflita sobre a problematização social, e que essas reflexões sirvam para alcançar soluções relevantes, a fim de que casos como esse do conto “Volte outro dia”, do escritor Marcelino Juvêncio Freire, sejam minimizados, buscando-se sempre uma sociedade justa e igualitária.

Palavras-chave: Espaço Urbano. Marginalização. Segregação.

1. INTRODUÇÃO

O espaço urbano brasileiro é fortemente marcado por uma intensa disparidade, abrangendo as questões econômicas e também culturais. Em virtude disso, procurou-se mostrar que existem pessoas inadaptadas à dinâmica injusta e excludente das grandes cidades.

Diante disso, o presente artigo discute a representação dos espaços simbólicos no conto “Volte outro dia”, publicado no livro *Angu de Sangue* (2000), do autor Marcelino Freire, levando a uma temática da marginalização e da segregação de grupos desfavorecidos nos espaços urbanos.

Para um melhor entendimento desse cenário urbano atual, buscou-se o pensamento da autora Dalcastagnè (2012):

Urbanização, desterritorialização, transformações nas esferas pública e privada, segregação – esses são alguns elementos que, combinados entre si, podem ajudar a entender melhor a configuração espacial da

narrativa dos nossos dias [...]. A atenção ao problema da segregação nas grandes cidades permite discutir a forma como se dá a anulação de determinados pontos de vista a partir de seu enclausuramento em espaços privados. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 111).

Assim sendo, o estudo em questão, está atrelado ao aspecto da desigualdade social, pois o conto narra a história de um mendigo, que se depara em uma residência de classe média à procura de comida. Esses dois espaços: casa x rua representam dois mundos totalmente distintos, socialmente. O escritor Marcelino Freire utiliza-se do mendigo para representar simbolicamente a *rua* ou seja a classe dos marginalizados socialmente. Por outro lado, quando o escritor refere-se a *casa* o mesmo faz menção ao narrador-personagem, autêntico representante da classe média.

Pessoas assim como o mendigo do conto, que vivem à margem da sociedade, onde mesmo em determinados lugares públicos, sua entrada é vetada como se houvesse placas sinalizando é “proibido entrar”. Como afirma a autora supracitada:

Para essas pessoas, ocupar um espaço é sinônimo de se contentar com os restos – as favelas, a periferia, os bairros decadentes, os prédios em ruínas. Mesmo o trânsito por determinados lugares e ruas lhes é vetado, como se fossem placas, visíveis apenas para elas, dizendo “não entre”. Afinal, “não há espaço, numa sociedade hierarquizada [...] sob uma forma (mais ou menos) deformada e sobretudo mascarada pelo *efeito de naturalização*. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 120 - 121).

Com base nesses pressupostos, constituiu-se como finalidade deste estudo causar uma reflexão sobre essas desigualdades sociais, tão marcantes nos espaços urbanos, em uma tentativa de minimizar tal problematização, tomando como referência o *mendigo* narrado no conto, que representa tantas outras classes que são excluídas de um convívio social no qual o *outro* se quer sensibiliza-se com as necessidades do próximo.

Para a realização desse trabalho foi feita uma análise do conto em questão, contemplando o *espaço* na narrativa contemporânea, a marginalidade em cena, algumas observações acerca do autor Marcelino Freire, além de uma análise subjetiva do *espaço* narrado no conto.

Corroborando com os elementos acima citados, tomou-se como fundamento teórico a autora Dalcastagnè (2012), na sua obra *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, a qual contribuiu para um entendimento da forma como a cidade é exteriorizada na literatura brasileira atual, desvendando, sobretudo, o quanto essas cidades são domínio de poucos, afinal, barreiras simbólicas determinam o lugar de cada um, como é o caso do

mendigo que deve ocupar o espaço das ruas, ficando-lhe vetada a entrada em determinados locais públicos ou privados. Além de Dalcastagnè (2012), outros teóricos como Gancho (1997), Santos e Oliveira (2001) contribuíram para a definição do *espaço* nas narrativas, assim como Chevalier *et al.* (2012) colaboraram com o dicionário de símbolos que ajudou a dar clareza a determinadas palavras do texto em estudo. Quanto aos aspectos metodológicos do trabalho, foi realizado uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa.

Consciente de que a literatura pode gerar ideologias, como diz Tânia Pellegrini (2008, p. 52): “Não se deseja emocionar ou suscitar a contemplação, mas causar choque no leitor e excitar a argúcia do crítico, por meio de textos que penetram com vigor, mas não se deixam avaliar com facilidade”. Nesse contexto pode-se dizer que por meio da literatura, torna-se possível provocar uma visão crítica, apta a libertar as pessoas de uma sociedade em destroços. Que edifica muros imperceptíveis entre realidades diversas, como no caso do conto "Volte outro dia", em que a persistência do pedinte aborrece o morador da casa, com sua humilde estada. Ainda assim, quando o mendicante segue seu destino, o narrador personagem, se incomoda ao ouvir a campainha, mas se tranquiliza ao saber que era “apenas o entregador de pizza”.

Logo, ao analisar o conto, foi possível selecionar os respectivos discursos mencionados a respeito das desigualdades sociais, devido às diferenças dos dois espaços simbólicos vivenciados entre o homem de classe média e o mendigo. Tal percepção possibilitou uma análise crítica inerente aos muros imaginários que delimitam os espaços nas cidades contemporâneas.

Má distribuição de renda, políticas públicas mal elaboradas, são alguns elementos que tendem a agravar ainda mais os problemas socioeconômicos de pessoas menos favorecidas, como é o caso do mendigo. Esse quadro gera um processo de exclusão de moradia, emprego, saúde, educação, entre outros aspectos. Diante disso, uma melhora significativa na educação, com políticas voltadas para uma formação de docentes mais capacitados e melhor remunerados, possibilitaria a formação de cidadãos mais emancipados, a fim de proporcionar melhores condições de vida para a população de um modo geral.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O espaço na narrativa contemporânea

O espaço segundo a definição de Gancho (1997, p. 23) é o local onde se desenvolve a ação em uma narrativa, tendo como finalidade principal situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, ideias e sentimentos, quer sofrendo ocasionalmente modificações realizadas pelos personagens.

Ainda segundo a mesma autora (id. p. 23), o espaço é mostrado, normalmente, em uma narração, de forma descritiva ou suas referências espaciais podem estar dissolvidas no contexto da história, bem como nas características dos personagens. Neste caso, é provável reconhecer suas particularidades, tais como, espaço urbano ou rural, espaço fechado ou aberto, e assim por diante.

Na literatura contemporânea o espaço descrito nas narrativas é essencialmente urbano, pois suas histórias geralmente se passam nos grandes centros, isto é, nas metrópoles. Dessa forma, o espaço literário que era representado no campo e nos vilarejos interioranos até o século XIX, cedem seu lugar, agora, para enredos que se desenvolvem nas cidades. A esse respeito Dalcastagnè (2012) esclarece:

[...] Afinal, o país se urbanizou em um período muito curto – o censo de 1960 registrava 45% dos brasileiros vivendo em cidades, já o último censo apontam 84% da população urbana em 2010 – e a literatura acompanhou a migração para as grandes cidades, representando de modo menos ou mais direto as dificuldades de adaptação, a perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com a desterritorialização (DALCASTAGNÈ, 2012, p.109).

Conforme o ponto de vista da autora Dalcastagnè (2012) a cidade é cenário frequente na literatura brasileira atual. Por conseguinte, para este estudo, importa analisar a forma como a cidade é representada, qual a sua importância dentro da obra e em relação ao espaço social. Como foi visto nas estatísticas acima relatadas, as cidades passaram a crescer em ritmo acelerado e trouxe como consequência a formação de territórios segregados e excludentes, responsáveis por separar os grupos privilegiados das camadas populares menos favorecidas. Posteriormente, esses locais – as favelas, loteamentos, cortiços – iniciaram uma composição desordenada do espaço urbano. Dentro dessa perspectiva, Dalcastagnè (2012, p.120) afirma: “É preciso ressaltar que essas cidades, tornadas impalpáveis, são domínio de poucos”.

Ainda segundo a mesma autora, esse espaço de segregação vivenciado nas grandes cidades também é gerador de violência, conforme revela sobre as humilhações sofridas pelos grupos que detêm a pobreza:

São, elas também, violentadas por seu apelo consumista, pelas barreiras impostas, pelo ressentimento diante do que não podem ter – do emprego às fraldas para o filho recém-nascido, do tênis do momento ao carro que passa rápido demais. A violência urbana normalmente é entendida num sentido restrito, como aquela perpetrada contra os que possuem, não a que sofre os que nada têm (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 124).

Essa violência a qual retrata a autora se refere à segregação imposta a determinados grupos da sociedade, por não terem acesso a determinados bens e serviços. Tais considerações tornam-se relevantes, pois o conto em estudo passa a dialogar com esta visão, apoiada em uma interpretação do espaço urbano enquanto entidade fragmentada e dispersa.

No conto “Volte outro dia”, o aspecto deste universo citadino conflituoso faz-se evidente em virtude dos espaços socialmente distintos dos dois personagens “e precisei argumentar que não tinha sobra de feijão, nem pão, nem carne. Que não fui ao supermercado, que a geladeira estava em estado de grades. Não se convenceu. Repetiu amargo: não volto outro dia. Amanhã não pode” (FREIRE, 2005, p. 39).

No discurso do narrador-personagem fica claro a incompatibilidade experimentada entre o seu modelo de vida e os problemas sociais representados pela figura do pedinte. Enquanto este vivencia a fome como carência de condições elementares à sobrevivência, como moradia e alimentação; no estilo de vida do segundo, o “hoje, não tenho” está associado a uma rotina desorganizada que o impede de efetivar obrigações simples, como ir ao supermercado. Assim, as necessidades de um contrastam-se com a do outro. Além disso, o morador da casa diz que “nenhum cidadão é obrigado a servir o próximo. Quando não tem. Quando não quer. Quando não está a fim de emprestar bondade a Deus” (FREIRE, 2005, p. 40).

Diante disso, o presente artigo encara a narrativa contemporânea como a representação de uma sociedade fragmentada, em que a hostilidade nem sempre é mostrada de forma concreta, mas também associado, por vezes, à ausência de solidariedade no convívio social, como é o caso do narrador-personagem que se omite, frente às necessidades do mendigo. Assim, longe de esgotar a amplitude desse tema, optou-se em tratar o conto “Volte outro dia”, mostrando que o ficcional e o real se entrecruzam ao representar o sujeito fragmentado da atualidade.

O *espaço* no conto aqui apresentado ilustra uma relação direta com a nossa realidade, incluindo com ela algumas de suas problematizações. Com isso, dizer que o presente texto se

constrói apenas como ficção e que nada tem a ver com a nossa realidade, é fugir da discussão. Como lembra Santos (2000), acerca das narrativas atuais:

A realidade deixa de ser entendida como um mero tema, objeto a ser passivamente representado, e passa a ser considerada como um processo, que, por sua vez, é também processo de linguagem. Em função da certeza de que o real é indissociável da forma como é percebido, a opção de trazer, para o universo da ficção, o debate sobre o real implica discutir os próprios mecanismos de representação (SANTOS, 2000, p.86).

Portanto, muito mais que um retrato das grandes cidades, as obras contemporâneas se consolidam como uma discussão acerca de como esses relatos urbanos são vistos pelos leitores e pela própria literatura.

Por fim, a autora Dalcastagnè (2012, p.154) afirma que ao sair à procura do espaço urbano estruturado pela narrativa contemporânea, nos deparamos, de algum modo, com o lugar da cidade em nossas vidas e com o não-lugar de muitas vidas em nossas cidades. No fim das contas, somos nós que ocupamos os vazios da cidade, nós que a fazemos existir. Somos responsáveis por suas desigualdades, por sua violência, sua segregação. Somos responsáveis pelo que não queremos enxergar.

2.2 A marginalidade em cena

O progresso urbano acelerado das últimas décadas está vinculado a vários problemas como o crescimento desordenado das cidades e ocupações habitacionais clandestinas, bem como a carência de políticas públicas na assistência aos imigrantes que garantissem o desenvolvimento igualitário para essa população. Todo esse panorama produz um crescimento contraditório sobre o qual surgem proporcionalmente a miséria, o desemprego e a violência.

Essas especificidades da realidade urbana brasileira influenciaram a produção sociocultural fundamentada, sobretudo, na encenação de um espaço urbano revelado, muitas vezes desgastado. Ou seja, essa cidade em ruínas é representada, segundo Cury (2007), da seguinte forma:

Da pobreza e da marginalidade, do mundo das drogas e da prostituição, personagens migrantes, o universo dos marginais e dos excluídos dão a tônica a tais produções. Expressam, contudo,

diferenças que se configuram no espaço simbólico, com variações nas suas estratégias narrativas, nas vozes enunciativas que privilegiam, embora sob o denominador comum da temática da violência, da crueldade (CURY, 2007, p. 9 – 10).

Assim sendo, os acontecimentos históricos fizeram emergir, nas últimas décadas, a necessidade de voltar o olhar para grupos marginalizados socialmente, ou seja, boa parte da produção literária brasileira revelou-se como representante de certos segmentos minoritários, como por exemplo, mendigos, negros, prostitutas, analfabetos, moradores de favelas, entre outros.

A literatura marginal tem o cuidado em estabelecer uma relação entre a ficção e a verdadeira realidade das comunidades marginalizadas. O autor Schollhammer (2008), compartilha desta mesma ideia ao afirmar que:

Quando estabelecemos uma relação entre a violência e as manifestações culturais e artísticas é para sugerir que a representação da violência manifeste uma tentativa viva na cultura brasileira de interpretar a realidade contemporânea e de se apropriar dela, artisticamente, de maneira mais ‘real’, com o intuito de intervir nos processos culturais (SCHOLLHAMMER, 2008, p. 58).

Por essa razão, uma das vertentes da narrativa atual é retratar momentos conflituosos, por meio de representações que remetem à realidade do cotidiano. Acontece desta forma no conto “Volte outro dia”, de Marcelino Freire, que sugere um cenário urbano daqueles que habitam uma zona de exclusão e abandono, como é o caso do mendigo, que vive à margem da sociedade. Uma vez que, para muitos dos indivíduos, ocupar o ambiente citadino consiste em contentar-se com os restos ou as margens deste espaço como as favelas, os lixões, os bairros decadentes.

Contudo, a mobilidade de personagens como o pedinte passa a ser associada ao desrespeito às fronteiras invisíveis, segmentadoras do território próprio a cada uma das classes sociais. Isso é verificado quando o mendigo ao bater insistentemente na porta do narrador-personagem, parece desafiar os limites de espaço instituído para cada um deles, o morador que possui uma “vida moderna”, e aquele, o indivíduo (mendigo) que o invoca como “ferida de rua” (FREIRE, 2005, p. 40 - 41); persistente, cheirando a “mijo”, provoca o protagonista a manifestar, no seu discurso de não comprometimento, a violência implicada na indiferença ante os problemas alheios.

Em conclusão, Rosenfeld (*apud* FERREIRA, 1981, p. 158) afirma: “se a comunidade é o povo, literatura marginal será a que focaliza este povo em suas aspirações, sonhos,

frustrações, sendo pensados em novos personagens, leitores e linguagens”. E é exatamente o que faz Marcelino Freire em seus textos. Para ele não há demagogia camuflada em defesa dos miseráveis, mas uma literatura comprometida em denunciar as injustiças sociais. Ademais, Freire ratifica o que foi defendido por Rosenfeld (*apud* FERREIRA, 1981, p. 10), quando diz que a literatura, sendo assim, norteadora da educação política, científica e técnica de um país, “tem a obrigação de participar vivamente do ardente processo humanista, [...], precisa armar-se em busca da libertação do homem e da sociedade”.

Assim, uma das tendências atreladas ao percurso da literatura atual é abordar temáticas comprometidas com as mazelas e as deficiências da sociedade na qual se insere. Escritores como Freire, incorporam a função de intelectuais divulgadores de ideias e denúncias políticas. Isso justifica-se pelo fato de países como o Brasil, vivenciarem imensas carências econômicas e educacionais.

2.3 O escritor

Nascido no ano de 1967, na cidade de Sertânia, encravada no sertão Pernambucano, o escritor Marcelino Juvêncio Freire, aos oito anos de idade muda-se para capital Recife, onde começou a estudar teatro, desenho gráfico e letras. Contudo, o que mais lhe atraía era o gosto pela escrita, onde retratava as angustias e aflições do homem moderno.

Já como escritor, foi premiado pelo governo do Estado de Pernambuco (1989); no ano de 1991 muda-se para São Paulo, onde publica, de forma independente, seus dois primeiros livros: *AcRústico* (1995) e *EraOdito* (1998). Em 2000, publica seu mais célebre livro de contos: *Angu de Sangue*, seguido de outros como: *BaléRalé* (2003), *Rasif - Mar que Arrebenta* (2008) e *Amar é crime* (2010). Porém, é somente em 2006 que Marcelino Freire recebe o reconhecimento da crítica especializada: vence o mais importante prêmio literário do Brasil, o Prêmio Jabuti, com o livro *Contos Negreiros* (2005). (PEREIRA, 2016)

Aprovado pela crítica e também pelo público leitor suas obras tornaram-se cada vez mais populares, assim como ele próprio tornou-se mais conhecido no cenário cultural paulistano. Devido a sua importante atuação, Freire é o principal criador e organizador da *Balada Literária*, evento que acontece anualmente na cidade de São Paulo, que conta com a participação de escritores ilustres da literatura nacional.

Além disso, Marcelino Freire faz parte de uma equipe de escritores que produzem Literatura Marginal. Essa expressão ficou muito popularizada no meio acadêmico, através de

publicações próprias da revista *Caros Amigos*, divulgadas no período de 2001 a 2004 denominada *Literatura Marginal: a cultura da periferia*. Esse título passou a ser empregado para descrever às produções de escritores que vivenciam situações de marginalidade, como por exemplo as sociais, as editoriais e as jurídicas. Dessa forma, transportam para os textos literários, os termos, os temas e a linguagem igualmente marginais. De acordo com a autora Nascimento (2005):

A ideia de um grupo de escritores que são originados e identificados com a periferia brasileira e/ou que estão ou estiveram “à margem da sociedade” (pobres, negros, rappers, presidiários, etc.), e a positividade do que é característico dos espaços “marginalizados” (como o linguajar, as gírias, os valores, as formas de sociabilidade, etc.) (NASCIMENTO, 2005, p.23).

Autores como Marcelino Freire, Ferréz, Marçal Aquino, Luiz Ruffato, dentre outros, descrevem nos seus textos as experiências ocorridas no dia a dia das metrópoles brasileiras e apresentam os relatos de indivíduos que se encontram segregados na sociedade vigente, bem como sujeitos sem vozes, sem espaços, vistos quase como objetos por boa parte da sociedade. Assim sendo, esses testemunhos são conduzidos através de uma linguagem proveniente das ruas e incorporadas na obra escrita, possibilitando uma percepção mais clara da realidade experimentada por eles.

O compasso, a heterogeneidade e a diversidade da metrópole São Paulo, hoje mais do que nunca torna-se reduto indispensável para as suas criações, são temas constantes de sua prosa: do luxo ao lixo, das pequenas às grandes ruas, do centro à periferia, Marcelino Freire se destaca cada vez mais no campo da literatura atual brasileira.

Contudo, seu projeto literário fala do povo e para o povo, fazendo uma interpretação da rotina dos oprimidos, sem rodeios, sem disfarces. “Escrevo porque escuto – um olhar para o humano, para o outro. Escrevo sobre violência, personagens desajustados, desvalidos, sofridos”, afirma Marcelino Freire (*apud* Santos, 2010). E no conto “Volte outro dia”, esta perspectiva do autor se apresenta através do mendigo, que representa tantos outros seres tipicamente fragmentados no cenário urbano. O pedinte é o coletivo de tantas pessoas que não possuem moradia fixa, nem trabalho, nem ao menos a alimentação como um consumo básico de qualquer ser humano.

Em síntese, Marcelino Freire é um escritor que prioriza a crítica social como um componente idealizador de suas obras. Enquanto representante da literatura marginal, ele se utiliza da escrita para promover a reflexão, acerca das relações humanas na sociedade

brasileira dos dias atuais. Percebe-se assim, que o estudo de suas obras contribuem para excitar um olhar crítico.

3. ANÁLISE DO CONTO “VOLTE OUTRO DIA”

O conto inicia-se com a frase: “Voltar outro dia eu não volto, pensou o mendigo à minha porta” (FREIRE, 2005, p. 39). A narrativa conta a história de um mendigo que pede esmola na casa de um homem de classe média, aquele é insistente, pois diz não sair enquanto não fora atendido. Contudo, o dono da casa, além de não atender aos seus apelos, faz de tudo pra se livrar da presença indesejada do mendicante. É possível verificar desde as primeiras linhas da narrativa a presença de dois espaços, que estão separados simbolicamente pela *porta*. Assim, tomou-se a definição da ‘porta’, segundo o dicionário de simbologias de Chevalier *et al.* (2012):

Basta ser um pouquinho sensível à transcendência para ver que uma porta não é simplesmente uma abertura feita em uma parede ou um conjunto de peças de madeira capazes de girar nos encaixes. Dependendo de se ela estiver fechada, aberta, trancada a chave, batendo, a porta é, sem modificar em nada a sua natureza, presença, ou ausência, apelo ou defesa, perspectiva ou plano cego, inocência ou erro (CHEVALIER *et al.*, 2012, p.737).

Tomando esse olhar transcendente, no qual fala o enunciado, a porta, presente no conto, deixa de ser simplesmente um objeto concreto, e passa também a representar, por um lado, a esperança e a expectativa de um mendigo que faz seu apelo ao dono da casa, desejando com ansiedade o atendimento das suas necessidades. Já para o dono do recinto, a *porta*, que encontra-se fechada, representa uma defesa das mazelas da cidade grande.

Assim sendo, essa porta fechada tem o significado de guarda e proteção para o morador. Ainda segundo o mesmo dicionário de Chevalier *et al.* (2012, p.734), a porta simboliza o lugar de passagem entre dois estados, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, entre dois mundos, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico, pois não indica simplesmente uma passagem, mas convida a atravessá-la.

Em concordância com esse raciocínio, a porta, presente no estudo em questão, tem um significado importante, pois ela separa os dois mundos distintos dos personagens. O morador da casa representa a luz, o tesouro, pois o mesmo é bem abastado, já o mendigo simboliza as trevas e a pobreza extrema, já que para este, lhe falta quase tudo. Todavia, temos o morador

da casa, no qual a moradia funciona como ambiente de reclusão, onde não é permitido a entrada de pessoas sem autorização, pois como afirma Chevalier *et al.* (2012, p.197): “a casa é também um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal”. Em contraposição, encontramos o mendigo, que ocupa o espaço das ruas, sobre quem não operam endereço ou localização. No conto, o mendigo:

Ficou ali, como se não me ouvisse ou visse. E precisei argumentar que não tinha sobra de feijão, nem pão, nem carne. Que não fui ao supermercado, que a geladeira estava em estado de grades. Não se convenceu. Repetiu amargo: não volto outro dia. Amanhã não pode (FREIRE, 2005, p. 39).

Através dessa enunciação, percebe-se de forma abstrata que os dois personagens pertencem não apenas a espaços físicos diferentes, mais também a classes sociais distintas. Isso é admissível, segundo Santos e Oliveira (2001, p. 67), porque o espaço “em uma definição bastante genérica, [...] é esse conjunto de indicações - concretas ou abstratas - que constitui um sistema variável de relações”.

Assim sendo, é possível localizar o mendigo em sua miséria, pois a este só lhe restaria as sobras do morador da casa. Para entender melhor a figura do mendigo buscou-se o dicionário de figuras e mitos literários:

Mendigo itinerante, indivíduo pobre, nômade e marginal que vive essencialmente da esmola e da caridade públicas. [...] De um modo geral, apresenta-se como um homem de certa idade, sem família, sem domicílio, sem paróquia, sem trabalho, desprovido de um lugar fixo, de comida ou de dinheiro. Ele é o pobre diante daquele que possui, o errante diante do sedentário, o solitário diante do grupo (BERND, 2007, p.443).

Enquanto isso, o narrador-personagem demonstra ter uma vida bem mais favorável. É o *espaço* que revela, sua condição financeira, tão diferente da do outro, ao citar um dos eletrodomésticos da sua casa: a geladeira. Além disso, se diz frequentador de supermercado, espaço do qual, numa sociedade capitalista, é necessário ter condições financeiras para se ter acesso a essas duas coisas. Ou seja, *geladeira* e *supermercado* pretendem, na narrativa, simbolicamente, proporcionar o reconhecimento do mundo social, no qual este último personagem está inserido.

A teimosia do pedinte começa a tirar o sossego do morador, e este se irrita: “Comecei a ficar explosivo. Ele fixo para mim, parecia cometer suicídio à minha porta. Coletivo. Juntar todos os pedintes da rua. Vá ao vizinho. Leve sua oração, seu roupão, seu mijo de cabelos. Os

dentes mordidos” (FREIRE, 2005, p. 39). Nesse momento, o morador se irrita com a presença mal cheirosa do mendicante e pede para o mesmo fazer suas solicitações a outra pessoa.

Tal passagem descreve o quanto a situação do mendigo é precária, pois ele não possui recursos mínimos se quer para cuidar de sua aparência. Isso fica evidenciado quando o narrador faz menção a seu roupão, pois na maioria das vezes os mendigos se vestem com roupas inadequadas, ao perambular pelas ruas. Quando refere-se ao seu mijo de cabelos, estes por sua vez, chegam a estar úmidos, tamanha é a sujeira, seus dentes desgastados e corroídos parecem que foram mordidos.

Para entender toda essa carência de condições do mendicante, tomamos Zilá Bernd (2007, p. 444) quando assegura que “um mendigo é uma pessoa que não tem mais parentes ou amigos ou que não tem mais ligação com os mesmos. Que embora possa receber de uma forma ou de outra uma ajuda externa, ele não tem outros bens além de suas próprias roupas, ele não sabe o que fazer de imediato e, por vezes, ele tem poucas chances face as suas necessidades”.

Em meio a tudo isso, chama a atenção o quanto o narrador compartilha dos preconceitos de classe média, ao descrever a forma que o pedinte bebe água: “Suas mãos arrastaram a língua para o copo, espumou” (FREIRE, 2005, p. 40). A expressão: “suas mãos arrastaram”, remete desespero, necessidade, indelicadeza. Para o narrador-personagem, a atitude do visitante gera forte sobressalto, incentivado pela certeza de que não é obrigado a dividir sua vida/espço com o outro: “Delicadamente disse que a polícia anda sondando o bairro. Que nenhum cidadão é obrigado a servir o próximo. Quando não quer. Quando não está a fim de emprestar bondade a Deus” (FREIRE, 2005, p.40).

Nesse fragmento o narrador demarca a separação espacial de classes sociais distintas, ao expor, para o oprimido, que o bairro é protegido pela polícia, ou seja, que ela protege a classe média dos marginais. O narrador não exhibe nenhuma sensibilidade diante do outro, pois não está a fim de “emprestar bondade a Deus”. Essa falta de sensibilidade revela um cenário contraditório dos sentidos e funções de uma sociedade, representando assim, relações conflitantes numa mesma comunidade.

Dessa forma, para Wolfgang Iser (1999), a cidade passa a ser o lugar de atrito, no qual sua inicialização se dá a partir da *negação* de um parâmetro sociocultural que concebe os espaços coletivos como sendo locais de convivência. Ou seja, embora Foucault (1975) fale que as cidades tenham sido organizadas com o intuito de promover relações de compartilhamento, segundo Caldeira (2000, p. 211) estas interações estariam comprometidas, uma vez que

predominam nas regras de ordenação dos espaços urbanos, “padrões de diferenciação social” e “segregação”.

Durante todo o erigir do texto, o narrador vai aumentando a barreira que separa um Eu, bem abastado, socialmente aceito e economicamente estável, do Outro, indesejado pela sociedade e impossibilitado de ter acesso a necessidades básicas.

Mais adiante, o narrador personagem faz a pronúncia: “Tantas ruas, casas, cabeças, por que logo a minha? Eu tenho direitos. O governo conserte suas negligências. O governo que se ocupe. Porra, e logo eu, solteiro e sem compromisso, depois de ter trabalhado o dia inteiro” (FREIRE, 2005, p. 41). Ele deixa claro que não tem nada a ver com os problemas sociais, que só precisa se preocupar consigo mesmo. Fica evidente nas palavras do narrador a omissão por parte das autoridades públicas no que diz respeito a essa classe de marginalizados: moradores de rua, viciados, etc., os quais deveriam estar acolhidos em albergues e casas de recuperação, respectivamente, se tivéssemos políticas públicas mais eficazes.

Assim, os dois personagens protagonizam uma disputa pelo *espaço*, e as suas desigualdades são evidenciadas à medida que o morador se esforça em manter a inviolabilidade social do outro, a separação, o não compartilhamento: “Rua, rua, gritei. RUA. Natural que ele tenha se envergado para sorrir. Que tenha rido de mim, com todos os paralelepípedos. Ri para acompanhar, fazer boa-fé, simpaticamente dizer que ele fosse armar o circo noutra lugar”. (FREIRE, 2005, p. 40).

Em contraposição à postura do narrador que o expulsa da frente de sua residência, o mendigo sorri “com todos os paralelepípedos”, reforçando o sentido de pertencimento deste para com o espaço da rua, fazendo aqui uma relação de interdependência entre o pedinte e o espaço público. Visto que, encontrá-lo, nesse caso, bastaria olhar para o lado de fora; uma mazela urbana da qual a casa deve ser resguardada. Nessa mesma passagem do conto, o narrador enfatiza toda a sua discriminação, quando faz uma analogia do mendigo com os circenses, que como ele, não possuem moradia fixa.

Após o diálogo incessante com o mendigo, o narrador sente-se aliviado ao perceber que o indigente tinha ido embora: “O mendigo finalmente ganhou outro caminho. O estômago do mundo” (id. 41); “Ele realmente não estava. O portão apenas aberto como ferida de rua. Sosseguei” (id. 42). Nesta passagem, o narrador alegra-se ao saber que o indigente ganhou o estômago do mundo como caminho, revelando assim, que ele foi “engolido” pela dureza da vida, da rua, do mundo. O mendigo não pode alimentar o estômago dele porque é, ele mesmo, o “alimento a ser devorado” pela desigualdade

social. Dessa forma a rua torna-se lugar de injustiças sociais, de mazelas, ao compará-la como feridas expostas.

Todavia, ao fim da narrativa com a campanha tocando novamente, o narrador chega ao extremo da sua raiva, fica desesperado e fala: “Deus jurei vingança”, achando que a sua tranquilidade seria novamente ameaçada, pelo pedinte, porém sente-se aliviado e conclui: “Apenas o entregador de pizza” (id. p. 42). De modo que, a entrega da pizza confirma a vida moderna do narrador-personagem, demonstrando total comodidade em receber comidas prontas na sua residência.

Por fim, averiguou-se a dicotomia dos *espaços* presentes na obra analisada, esteja ele configurado em espaços públicos ou privados, expondo relações conflituosas entre privilegiados e desfavorecidos.

Através desse conto, o autor Marcelino Freire ainda que não seja habitante da periferia, se identifica com este público devido a sua origem nordestina e infância humilde. Isto por sua vez fica evidenciado quando denuncia esse grande entrave existente entre os sujeitos da contemporaneidade, seja ele físico, social, psicológico ou simbólico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se no conto analisado a representação de um espaço urbano movido pelo reflexo de mazelas presentes na sociedade brasileira, tendência da literatura atual. Assim, longe de esgotar a amplitude desse tema, verificou-se ainda a possibilidade de outras vertentes para análise da obra em questão. Porém procurou-se mostrar como foi retratada essa complexidade do indivíduo marginalizado e segregado da atualidade, por meio do conto “Volte outro dia”.

O espaço urbano destacado na narrativa em estudo é marcado pelo conflito do narrador-personagem com o mendigo, no qual fica evidente o abismo que separa esses dois personagens, de um lado o narrador, do outro o mendigo, cada um com características próprias. O mendigo, necessitado, porém insistente, o narrador individual e ao mesmo tempo arrogante, preocupando-se apenas com a sua privacidade, com o seu bem estar.

É através desse embate que a cidade cria uma espécie de fronteira imaginária que acaba por individualizar e discriminar os seus agentes, pois o narrador-personagem não se sensibiliza com a situação do pedinte, constatando a banalização da pobreza e dos oprimidos socialmente. Isso é evidenciado até na expressão utilizada por ele "Volte outro dia", que joga o problema social para o futuro, porque o narrador tem pressa de continuar na sua condição de

"cidadão que não é obrigado a servir o próximo". O outro deve se contentar com o espaço da rua, espaço esse marcado pela desigualdade e pela agressividade.

Portanto, o estudo teve como propósito provocar algumas reflexões, que de alguma forma possam contribuir para o surgimento de atitudes que venham a minimizar os efeitos dessas injustiças sociais.

Deste modo, a literatura não tem só a função de retratar a beleza das coisas, contudo, é capaz de propagar os desejos, as inquietudes e as denúncias sociais, quando revela a insensibilidade e a desumanidade aplicadas aos textos.

Com quanto, é sabido que a literatura faz-se um meio de representação de grupos sociais que se encontram marginalizados. Logo, ao abordar problemas sociais recorrentes no espaço urbano, tentou-se instigar no leitor uma postura crítica e ética, fazendo com que esses acontecimentos discriminatórios não sejam simplesmente encarados com total desprezo, com tanta negligência.

Cabe questionar e discutir, sobre o que poderia ser feito para reduzir as barreiras que segregam as diferentes classes sociais presentes nos grandes centros urbanos. Uma das propostas seria através da conscientização, que possibilitasse a estas classes oprimidas, o despertar para buscarem por meio da educação, a transformação social que tragam qualidade de vida em todos os sentidos.

Dessa forma, o presente trabalho procurou fazer com que o leitor debata e reflita sobre a problematização social, e que essas reflexões sirvam para alcançar soluções relevantes, a fim de que casos como esse do conto "Volte outro dia", do escritor Marcelino Juvêncio Freire, sejam minimizados, buscando-se sempre uma sociedade justa e igualitária.

MARGINALIZATION AND SEGREGATION REPRESENTED IN THE SYMBOLIC SPACES FROM THE TALE "COME BACK ANOTHER DAY" OF MARCELINO FREIRE

ABSTRACT

The Brazilian urban space is strongly marked by an intense disparity, including economic as well as cultural issues. In this context, this paper discusses the representation of this urban space, in the story "Come back another day," from the author Marcelino Freire, published in his work *Blood Angu* (2000). The study aimed to provoke some reflexions about the marginalization and the segregation of social groups, with reference to the *beggar* narrated in the story, which represents so many other people that are excluded from social interaction, in

which the *other*, does not even sensitize with the needs of others. Corroborating with this thought, we take as theoretical fundament on the author Dalcastagnè (2012), which contributed to an understanding of how the city is externalized in current Brazilian literature. Other theorists such as Gancho (1997), Santos and Oliveira (2001) contributed to the definition of space in the narrative, as well as Chevalier et al. (2012) collaborated with dictionaries of symbols that helped clarify certain words in the studied text. This research used a bibliographic and qualitative approach. Thus, this study sought to have the reader debate and reflect on the social problems, and that these reflections serve to achieve relevant solutions, so that cases like this the story "Come back another day," from the writer Marcelino Juvêncio Freire, are minimized, seeking always a just and equalitarian society.

Key-words: Urban Space. Marginality. Segregation

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá (org.). **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas: DFMLA**. Porto Alegre: Tomo editorial, 2007.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade dos muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: 34, 2000.
- CHEVALIER, Jean. et al. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas Geografias Narrativas. In: **Letras Hoje**. v. 42, nº 4, p. 7-17. Porto Alegre, 2007.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- FERREIRA, João Francisco (coord.). **Crítica literária em nossos dias e literatura marginal**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981.
- FOULCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- FREIRE, Marcelino. **AcRústico**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.
- _____. **Angu de sangue**. 2. ed. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2005.
- _____. **Amar é crime**. São Paulo: Edith, 2010.
- _____. **BaléRalé**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **EraOdito**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- _____. **Rasif: mar que arreventa**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, João César de Castro (org.). **Teoria da ficção: Indagações à obra de Wolfgang Iser**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Por uma interpretação antropológica da literatura marginal dos escritores de periferia. **Plural**. Revista do Curso de Pós- Graduação em Sociologia da USP. São Paulo, nº 12, 2º semestre de 2005 (no prelo).

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. In: DALCASTAGNÈ, Regina (org.). **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Horizonte, 2008. p. 41-56.

PEREIRA, Márcia Moreira. Marcelino Freire: um escritor da metrópole caótica. **Revista literatura**. Editora Escala. Disponível em: <http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/53/artigo319498-1.asp>. Acesso em: 25 de Maio de 2016.

SANTOS, Elizangela Maria dos. A marginalidade performática literatura contemporânea. In: **II Seminário Nacional Literatura e Cultura**, Vol. 2, São Cristóvão: GELIC, 2010, p. 1-15.

SANTOS, Luís Alberto Brandão. **Um olho de vidro: a narrativa de Sérgio Sant'Anna**. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2000.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, Regina (org.). **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. São F Horizonte, 2008. p. 57-77.

ANEXOS

ANEXO A - CONTO “VOLTE OUTRO DIA”

Voltar outro dia eu não volto, pensou o mendigo à minha porta. Hoje, não tenho. Ficou ali, como se não me ouvisse ou visse. E precisei argumentar que não tinha sobra de feijão, nem pão, nem carne. Que não fui ao supermercado, que a geladeira estava em estado de grades.

Não se convenceu. Repetiu, amargo: não volto outro dia. Amanhã não pode. Comecei a ficar explosivo. Ele fixo para mim, parecia cometer suicídio à minha porta. Coletivo. Juntar todos os pedintes de rua.

Vá ao vizinho. Leve sua oração, seu roupão, seu mijo de cabelos. Os dentes mordidos. Um pão. Catei nos bolsos as moedas sem valor. Nenhuma. Boa-noite, boa educação e entrei. A campainha tocou, bateu palmas.

Meu senhor, o senhor está vendo. Ouvindo. Amanhã eu tenho prato quente, café. Não quer água? É, água eu tenho, fui buscar. Suas mãos arrastaram a língua para o copo, espumou. E ficou imóvel (depois de beber a água, guardou o copo na caixa que trazia, sem cerimônia, parafusada de náilon e remendos).

Tudo bem, o que é um copo, hein? E sua sombra não se moveu atrás da minha. Olhei da porta. Ele continuava lá, absurdo. Sem comer, não iria para nenhum lugar. Mas creia, porra, eu não tenho. Não sei cozinhar. Minha vida é moderna. Nem vegetais endurecidos eu tenho. Um pedaço de cenoura. Nem serviria ração pra cachorro. Resmunguei. Delicadamente disse que a polícia anda sondando o bairro. Que nenhum cidadão é obrigado a servir o próximo. Quando não tem. Quando não quer. Quando não está a fim de emprestar bondade a Deus.

Rua, rua, gritei. RUA. Natural que ele tenha se envergonhado para sorrir. Que tenha rido de mim, com todos os paralelepípedos. Ri para acompanhar, fazer boa-fé, simpaticamente dizer que ele fosse armar o circo noutra lugar. Riu & riu.

E se estava bêbado? Bebarrão. E se foi ele que um dia cagou na porta da garagem, pelos fundos? Ele fedia a garagem. Mas tudo bem, esqueço, ponho uma pedra em cima, uma descarga no assunto. Vá embora daqui e amanhã a gente conversa. Amanhã, hã? Hã? Nada.

Tudo uma piada, sem verdade. Até pensei que estávamos numa armadilha de TV, tudo por dinheiro. Não sou rico, estou duro, vivo num sufoco interminável. Sufoco. Quem quer um mendigo a sua porta, sem sair, pronto pra morar? Bati nas costas dele e sugeri, pacientemente, que ele voltasse amanhã. Não. Nem precisou ser dito que amanhã ele não volta. Que quer

agora, qualquer coisa. Apareceu seu umbigo. Cu, os buracos de suas unhas. Que fique aí, prostrado, e vá pra casa do caralho.

Bati-me para dentro. Fui até a cozinha, que de lá ele não me vê. Fiquei dez minutos de silêncio. A campainha nem sinal. Nem palmas. O mendigo finalmente ganhou outro caminho. O estômago do mundo. Tantas ruas, casas, cabeças, por que a logo a minha? Eu tenho direitos. O governo concerte suas negligencias. O governo que se ocupe. Porra, e logo eu, solteiro e sem compromisso, depois de ter trabalhado o dia inteiro.

Mas, será mesmo que ele desapareceu? Fui pelo escuro, tateando o fôlego. O cheiro de mijo era do meu banheiro. O cortinado da sala precisava ser lavado. O tapete cheio de pelo de cachorro. Ele realmente não estava. O portão apenas aberto como ferida de rua. Sosseguei. Caí no sofá, liguei a TV. Hebe Camargo, novela das oito, Macaulay Culkin. Macaulay Culkin. Macaulay.

Palmas e campainha. Deus, jurei vingança. Pedi piedade. Campainha. Corri para o armário, atrás de briga: faca, facão, garfo. Se ao menos um biscoito eu tivesse, caramelado. Campainha. Porra. Já vou, violento. Porra, excomungado.

Apenas o entregador de pizza.